



# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

## Editorial

Por comodidade de datas comemorou-se em Fão o dia de Fiéis Defuntos em 1 de Novembro, data que a Igreja dedica oficialmente a Todos os Santos.

Como sempre, o cemitério local encheu-se de pessoas, algumas vindas de muito longe, para homenagearem os seus entes falecidos. Cobrem-se os túmulos de flores e lamparinas, ciciam-se orações e aqui e além escorre uma lágrima de saudade por aqueles

## DIA DE FINADOS

que partiram há bem pouco tempo. Não há separação entre mortos e vivos. As famílias juntam-se e convivem os presentes com a memória dos ausentes. Por fatalidade biológica todos sabemos que os mortos, no seu imobilismo, esperam pelos vivos. Estes, nós que vamos cirandando neste mundo, somos mortos adiados. À medida que os anos avançam, mais consciência tomamos desta sina inapelável.

Daí o respeito que o cemitério nos impõe. Daí o carinho que os nossos mortos despertam em nós. Daí o cuidado que pomos no nosso cemitério. Aquele lugar será a nossa última sala de espera.

## O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

### P.e GONÇALO LOURENÇO CARDOSO VIANA

Foi um homem de grande sucesso político cujo carisma ainda hoje se repercute na terra, apesar de poucas pessoas vivas terem sido suas contemporâneas. A Micas Turra e poucas mais.

A ponte de Fão foi uma das suas conquistas, cujo êxito foi compartilhado igualmente pelo Dr. Moreira Pinto. Eram ambos amigos do antigo Ministro Visconde de S. Januário que costumava passar férias em Apúlia.

Os dados bisgráficos são escassos. A imprensa local ainda não existia, o volume terceiro da Junta mantém-se em Esposende — lá encontram-se dados muito interessantes — pelo que a única fonte de que pudemos dispor foi o seu testamento, graças à cooperação do nosso colaborador José Maria Machado Vale.

Faleceu em 8 de Março de 1903. Começou a paróquia Fão em 1858. Os testemunhos sobre a sua pessoa fomos colhê-los no seu testamento, onde encontramos descritos quase todos os seus bens. Quando alguém se lhe refere e o Dr. Albino Campos fez isso, (1) acrescenta como dado positivo da sua biografia que teria doado todos os seus bens ao Hospital. Não foi bem assim. Ele espraiou-se por várias entidades onde se encontram muito logicamente os seus familiares. Seguir o seu testamento permite pulsar de certo modo o seu perfil.

O seu primeiro testamento foi terminado em 20 de Fevereiro de 1876 e acrescentado por um outro em 4 de Outubro de 1899, continuado por um aditamento em 1902. Os bens que ele possuía e eram muitos — ele assim se expressa — foram, cremos nós, adquiridos ao longo do seu munus, na paróquia de Fão. Isso tem certa lógica se se tiver em conta que Fão era, nos finais do século passado, a freguesia mais evoluída comercialmente do concelho. Há uma passagem no seu testamento que corrobora este nosso pressuposto. De facto, não há dúvida que nas suas disposições finais do seu testamento notam-se indícios de que se revelou um grande esmoler mas, para além disso, era exigente nos benefícios que a paróquia lhe devia.

Deixou recomendado que se desse aos padres que participassem no ofício, em intenção da sua alma, 17.200 reis; que fossem celebradas missas gerais pela esmola de 500 reis, missas que tinham que ser celebradas no dia do enterro e antes do ofício. O pagamento só seria efectuado no cemitério, está-se a ver porquê... E que se dissessem outras missas, por padres de plena confiança, pela esmola de 400 reis, dando-se o maior número aos sacerdotes que tivessem assistido graciosamente ao seu ofício. «Ordeno que os meus herdeiros entreguem à Misericórdia 3.000\$000 reis com as seguintes obrigações: 1.º — Vestir anual-

mente 10 pobres, 5 de cada sexo: os homens terá na jaqueta um contrão ou canhão branco e no chapéu uma fita igualmente branca. Esses pobres serão sorteados de entre 50 em cada triénio. 2.º — Mandou fazer Endoenças embora mais modestas, ou, em alternativa, que se efectuassem dotes de 20\$000 reis que seriam dados a raparigas pobres e honestas».

A todos os paroquianos deixa pago um ano de cõngrua. Cede o usufruto dos bens que tem em Âncora à irmã Margarida «em pagamento do que lhe devo». Às duas sobrinhas, Maria, solteira e Maria Rosa, a raiz delas.

«Do restante, e que ainda não é pouco, instituo ou nomeio meus herdeiros, somente usufrutuários» minha boa irmã Engrácia e sobrinha Adelaide. «A raiz ou todos os meus valores do que aparecer» serão entregues ao Hospital, e do que constavam: inscrições, títulos espanhóis, empréstimos à Câmara, escrituras, títulos particulares (?) Banco Lusitano, alguns empréstimos manuais (?) e principalmente diversas letras.

Deixou bem expresso que se dissessem pela sua alma mil e quinhentas missas, todas pela esmola de 400 reis, «por padres de plena confiança, dando o maior número delas aos que assistiram graciosamente ao meu ofício — que não serão muitos — se bem que um bom número deles tem obrigação de fazê-lo».

(Continua na pág. 2)

## ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA DO LITORAL DE ESPOSENDE

Promovida pela Direcção do Forum Esposendense, realizou-se no passado dia 16 de Outubro, na sede daquela associação, uma palestra sobre a área de paisagem protegida no Litoral de Esposende.

Foi palestrante o Eng. José Luís Gonçalves, que, demonstrando perfeito conhecimento da zona, apresentou imagens elucidativas do que se vem passando com as dunas que, no concelho de Esposende, se estendem de Apúlia à Foz do Neiva. As imagens que apresentou evidenciam graves agressões cometidas sobre as Dunas, tais como: a constituição de lixeiras, a extração de areia, a frequente circulação de tractores e até o pisoteio desordenado das pessoas que frequentam as praias. De entre os casos mais chocantes, referiu o campo de Futebol de S. Bartolomeu do Mar, que se encontra

(Continua na pág. 2)

# O PERFIL DE HOJE

(Continuado da pág. 1)

No testamento de 4-10-1899 encarrega como seu testamentário o cunhado João da Costa Pinto a quem deixa o relógio de ouro e o melhor trancelin do mesmo. Se por acaso este se esquivar, transfere tal incumbência para Manuel Pinto de Campos (2), seu «nobre amigo» a quem doa a Bíblia Sagrada, em 7 volumes, oferta da família dos Falcões em pagamento «de uma pequena dívida». Se por acaso este senhor não aceitar, o que não crê, nomeia, «esquecendo uma pequena desconsideração», seu pai Valentim Félix de Magalhães a quem atribue 30\$000 para um cachimbo. O Dr. Moreira Pinto receberá «a minha caixa de prata de rapé cinzelada» e o Dr. Manuel Evangelista, a História de Portugal de Pinheiro Chagas em 12 volumes.

«Deixo de especificar uma pessoa que sempre tencionei contemplar; não estranhe isso porque ele deve conhecer que terminou por perder tal ou qual direito. Já lhe fiz algum bem e não recebi o devido reconhecimento: não esperava «nem com esse fim o fiz» paga alguma; paga e gratidão são diferentes». À Junta de Freguesia cede a casa em que vive e respectivo quintal, mas não o armazém «que foi do Inácio Martins nem a casa que foi da Foga».

«Quero que digam mais 60 missas por alma das pessoas que sem saber as tenha prejudicado». Que em hora certa os doentes (do Hospital) que poderem rezar, o façam sob a pena de não levarem à saída a pequena esmola de 200 reis.

Curiosamente não se revela nada meigo para com a sobrinha Adelaide. Com efeito, assim se lhe refere: «minha sobrinha Adelaide não deve casar-se; aconselho-a assim e proíbo-lho se eu pudesse: está velha e não deve sujeitar-se a quem a governe ou desgoverne. Pode ainda alguém procurá-la e não o fará pela sua formosura de que tem carências (sic) nem pela gentileza das suas maneiras: não o deve fazer porque depois de minha mana é ela que disfruta do que aí deixo; casando-se não será por certo assim e eu declaro que não desejo nem espero que qualquer ainda menor quantia do que eu ganhei e aí deixo, tenha fim diferente do que deixo determinado: que passe regularmente bem, que faça muito bem, que chega para tudo».

A Misericórdia no ano que fizer os Endoemas, não convidará para assistir a elas «o Pa-

dre que noutros me desconsiderou e no enterro do meu amigo Amorim Campos gravemente e publicamente me desconsiderou!... O Padre Vilachão!... São passados meses e anos depois desses factos e ainda, já que não o fez imediatamente, não soube onde eu moro, para me dar ao menos por demais uma qualquer satisfação que lhe aceitaria, dando-lhe em troco o perdão que ainda assim lhe dou aqui para que nunca se possa dizer que um padre neste momento não perdoa a outra ou qualquer pessoa. No cúmulo do seu orgulho devia de então ou logo depois que se não insulte assim um Padre velho de quem disse que o latim que sabia a mim o deve, o que não era bem assim! Aí fica o perdão e o castigo. Deus também perdoou castigando. Com esta ferida causada por um paroquiano desço à minha cova».

Imponho aos meus herdeiros que todos os anos mande limpar o meu jazigo. Findo o último, essa obrigação é imposta à Misericórdia para todo o sempre».

Creemos que este documento revela a forte personalidade do Prior Gonçalo Viana. Temos a convicção que governou a freguesia, tanto no plano espiritual como no âmbito civil (foi Presidente da Junta da Paróquia) com mão de ferro. Crente sem dúvida, esmoler também sem se saber se este último atributo se ficou devendo a uma tendência natural ou aos mesmos motivos que levavam o nosso Rei D. João II a ordenar que se celebrassem por sua alma 3.000 missas.

(1) Num artigo incerto em «O Fangueiro».

(2) Por sinal este ilustre fangueiro morreu mais cedo.

## DOENTES

*No hospital regional de Guimarães foi submetida a uma intervenção cirúrgica Maria da Conceição Faria Graça, esposa do nosso amigo e grande amigo deste jornal, José Graça (Zé Barbeiro).*

*A operação decorreu com êxito e a nossa prezada conterrânea já se encontra totalmente recuperada.*

*Pronto, caro Zé, o mau tempo já lá vai.*

*— No hospital de S. João foi operada de urgência a nossa conterrânea Maria Eugénia Mendanha Gonçalves.*

*O estado da Geninha é muito preocupante. Daqui lhe enviamos um abraço de solidariedade.*

## ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA DO LITORAL DE ESPOSENDE

(Continuado da pág. 1)

implantado sobre uma duna, que embora seja a mais larga daquela freguesia, é bastante estreita. Referiu também que, em recente visita às dunas, deparou com caçadores furtivos que, na altura, se dedicavam à captura de pintassilgos.

Para proteger as dunas, disse que estão em curso: a construção de passadiços de peões para acesso à praia: a definição, localização e construção de acessos à praia para viaturas que ali tenham de deslocar-se, quer em caso de acidente, quer noutros casos como o da apanha de sargaço: a construção de muros de protecção para impedir que as viaturas passem fora dos locais que lhes são destinados: e a reposição das dunas, através da colocação de paliçadas e da fixação das areias acumuladas com vegetação adequada.

Do debate que se seguiu à exposição deste tema, em que foram ventilados e testemunhados alguns dos pontos referidos e em que se abordou, também, a poluição do Cávado e a evolução da restinga e da barra, conclui-se pela necessidade de sensibilização das populações mais afectadas para colaborar na defesa e fiscalização de toda a área, dado que, impedindo as agressões às dunas, estão a impedir o avanço do mar sobre as suas terras.

O.C.

## PAGARAM A ASSINATURA

1992 — Carlos Domingues da Venda Martz, Braga, 750\$00; Manuel Faria Graça, França, 1500\$00; Orlando Ferreira Graça, França, 1000\$00; Manuel Arantes Gomes, França, 1500\$00; Dr. Alberto Malafaja Baptista, 750\$00; 1992 — António Morais Casanova, Amadora, 800\$00; Júlio Mactel de Oliveira, França, 1000\$00; José Morim de Faria, França, 1000\$00; Carlos António de Jesus Carlos, França, 1000\$00; D. M.<sup>a</sup> Eugénia de Jesus Carlos, Fão, 750\$00; José Pedro Lima de Sá, Fão, 750\$00; Adolfo José Ferreira Ribeiro, Amadora, 1000\$00; José Francisco de Magalhães, França, 1000\$00; D. Judite Ribeiro da Mota Reis, Fão, 750\$00; Joaquim Magalhães, França, 1000\$00; Delfim Ferreira, França, 1000\$00; Hermenegildo Morais Gomes, Gaia, 1000\$00; Francisco Ventura Barros Peixoto, Canadá, 5000\$00; José Manuel Gato Ferreira da Silva, Matosinhos, 750\$00; Mário Ramiro Mariz Dias Ferreira, Maia, 5000\$00; Manuel Gomes da Costa, Porto, 1000\$00; Amândio da Costa Carvalho, Brasil, 1000\$00; Carlos Amândio Carvalho Dias, Brasil, 1000\$00; Jaime da Cruz Vilela, Lisboa, 1000\$00.

## ENTRE NÓS

Tivemos o prazer de abraçar em Fão o nosso prezado amigo e assinante Manuel Raimundo Domingues Ferreira que esteve uma semana entre nós, na companhia de sua esposa e do seu sogro.

Já regressou a S. Paulo. Que nos visitem mais vezes são os nossos votos.

**Optica**  
**Oliveira**

ALEIXO FERREIRA, LDA.

## GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

# UMA VIAGEM INOLVIDÁVEL

Foi de facto um passeio inolvidável aquele que a Dr.<sup>a</sup> Rosa Torres programou às terras durienses. Antes do mais, o nosso obrigado à organizadora que protelou a excursão para oito dias depois, uma vez que tínhamos qualquer coisa a fazer na data previamente indicada. Assim, abalámos para Vila Real, às oito horas do dia 24, um sábado que se apresentou chuvoso. Mas isso não arrefeceu o ânimo dos excursionistas.

De início a viagem decorreu calma, quase silenciosa pois alguns dos passeantes puseram-se a liquidar a factura do sono. A responsável-mor de vez em quando ia chamando a atenção dos passeantes para alguns dos pormenores da paisagem: ali era um monumento que devia ser admirado, mais além era uma efeméride histórica que se devia recordar, logo a seguir um recanto paisagístico que merecia ser contemplado. O Minho é bonito, sem dúvida, pela sua variedade, mas a região duriense que enleia o rio Douro não lhe fica atrás. A policromia das cores outonais, quer dos vinhos, quer dos olivedos, quer dos castanheiros, emprestavam ao ambiente uma certa frescura, uma certa naturalidade, reflectindo em nós um sentimento de anti-polluição onde apetecia morar ou rolar como dizia o Eça.

Parámos em algumas cidades. Tempos curtos que a viagem era longa. De qualquer modo os suficientes para se comprarem recordações. Amarante foi a primeira paragem a sério onde a gente almoçou. Tudo a postos para o repasto. Dito de outra maneira: foi uma excelente refeição servida na hora exacta. No fim do almoço, a malta toda, de pé, cantou o «Ó Fão antigo». Foi bonito, sabem? E até comovente. Os outros comensais, os empregados, os donos da casa estavam assim a modos de atarantados. Que raio de gente é esta? O que é que eles estão a cantar? Mas ninguém abrandou. Foi tudo cantadinho até ao fim e por toda a gente. Até o Sr. Duarte já sabe a música e a letra toda. Para quem não sabe quem é o Sr. Duarte, nós esclerecemos. Trata-se de um homem, de Gilmonde cremos, que já sapatarinhou as sete partidas do mundo e um dia arribou a Fão. Deu-lhe o malzinho, claro. Apaixonou-se pela nossa terra e já fez coisas lindas. Comprou casas velhas e recuperou-as na sua traça primitiva. Não pensem que se trata de um comerciante, desses empreiteiros que só querem construir em propriedade horizontal, nada disso. Ele acima de tudo é um artista e as suas casas são poemas de bairrismo. Pois o Sr. Duarte, o homem que criou a Cooperativa Cultural de Fão, já sabe o «Ó Fão antigo» e entoou-o com muito entusiasmo e muita emoção. Nós vimos e ouvimos. Mas voltemos ao passeio. Sempre acompanhados por uma paisagem de encantamento lá fomos seguindo viagem. E os espontâneos, espevitados pela cicerone, foram aparecendo. Em primeiro lugar o Marco Reis. Fez coro e fez de solista. O fado de Coimbra, com voz soluçante e gemente, não faltou. No entanto a grande vedeta do passeio foi a sua esposa, Zira Belo. Com voz bem timbrada, explosiva, deu o mote para os vários números revisteiros que naquela excursão foram entoa-

dos. Dedicou um dos seus fados ao Director de «O Novo Fanguero». Muito obrigado. Mas a grande revelação do fado, aconteceu já em viagem de regresso e foi protagonizada pela Lili do Rufino, agora Lili do Paulino. Avançou com dois fados de Coimbra numa melopeia triste de pastora da serra, voz delicada, melancólica mas muito certinha. Palmas entusiastas coroaram esta intervenção. Os veteranos Carlos Palma Rios e Zita Saraiva coimbraram igualmente com vozes, de cantochão, a do Palma Rios e vibrante, a da Zita. Ah!, esquecíamos outra intervenção-surpresa que foi para todos nós muito querida: Cecilia Amorim, outro sustentáculo de Cooperativa. Com os seus 27 anos (pronuncie-se 72) está ali para durar e regalar. Que vitalidade tem esta senhora!...

Bem, vamos para o jantar que decorreu num restaurante da Lixa, reaberto exclusivamente para nos receber. Comida bem confeccionada que levou à chamada do cozinheiro à sala. E outra surpresa: a pedido de um maestro *ad hoc*, que seguia na caravana, foi dedicado aos donos da casa o *bino nacional das Pedreiras* que o coro entoou de pé e com muita vibração, aplausos e sorrisos. Hino nacional das Pedreiras!... dirá o leitor banzado de todo. Pois é. Se quiser saber como foi vá na próxima excursão que vai haver de certeza. De facto o passeio foi muito bem organizado e a Dr.<sup>a</sup> Ró revelou-se uma guia eficiente, uma guia solícita, paciente e carinhosa de tal forma que todos os presentes juraram que com ela iriam até ao inferno. Senhor Desembargador não fique babado...

## AINDA O TAL PASSEIO

Um dia destes passámos pelo tal passeio que começa ali no Chalet e toma o rumo de Esposende. Constou-nos que já se deu um desastre e ele ficou assim a modos de esboroadado na sua parte inicial. Ficámos com dúvidas se foi algum desastre. É que um pneu ou dois pneus ou quatro pneus não poderiam fazer aquela moosa. Ficamos com a impressão que aquilo foi partido à martelada.

Ainda pensamos que a JAE tivesse o bom senso de corresponder ao nosso apelo e mandasse apelar aquele passeio. A Junta local ripostou dizendo que quem comprou as lojas, já sabia que a estrada ia ficar assim. Não sabemos se foi bem assim e isto porque quando o tal passeio surgiu, já as lojas estavam compradas. Dizem-nos entretanto da parte dos donos da loja que enquanto as coisas estiverem assim nenhuma delas vai abrir.

É verdade que duas já entraram em actividade mas asseguram-nos que uma, a dos automóveis, vai fechar. Quem percebe um bocado de marketing vê que as lojas, tal como estão, ou vedadas como se encontram, não vão ter chance. A estrada, estreita como se verifica, não dá possibilidade aos automóveis de estacionar.

A primeira grande preocupação dos vendedores é estabelecerem acessos bons aos seus estabelecimentos. Veja-se no Porto o que qualquer um dos grandes mercados fez. Primeiro que tudo e acima de tudo: bons acessos, bom estacionamento. É uma condição séria e nesse aspecto os proprietários dessas grandes superfícies terão beneficiado do apoio e a boa compreensão das autarquias. Porque não há-de acontecer a mesma coisa na terra de Fão?

## FÃO DE ANTIGAMENTE



Ora aqui temos uma fotografia de há quarenta e tantos. Um baile, cremos que no Galo D'Oiro. Ou nos bombeiros antigos? Personagens: um filho do Augusto Ferreira e a Prazeres, o Neca Paralta e a Tereza Marina; o Zé Sá Pereira com a Mina, o Zé Maia e uma empregada banhista, o Zeca Barqueira e a Idalina, o Espanhol com a filha do primeiro cozinheiro do Ofir, o Matias com a Maria da Cangosta, o Quim Xiquita e a Emília Paralta, o João Preto, empregado no Hotel Ofir e finalmente o Aleixo e o Rui Agónia.

# DE VISITA AO BRASIL

O Adelino Miranda do Vale (o Lino Cantoneiro) deslocou-se recentemente ao Brasil e por lá permaneceu cerca de um mês. Foi um passeio e, como não podia deixar de ser, encontrou-se com vários conterrâneos e fez contacto telefónico com outros. Na sua companhia viajaram seu sobrinho Fernando Magalhães, que é médico ortopedista no Hospital da Póvoa de Varzim e ainda outra parente, Maria do Céu Martins que se fazia acompanhar do marido Adelino Martins.

Hospedou-se em casa do irmão Manuel Gomes Miranda (Manéle Cantoneiro) casado com a Laida Martinha. Encontrou-se naturalmente com sua cunhada, a Helena que é casada com o apuliense Jaime Medalhas e esteve igualmente com o Manuel Alves de Oliveira (irmão do Tino Pigerica), com a Rosinha Lapapinto, com o Neca Paralta, e ainda com a Emília, mulher do Licínio. Viu ainda a Amelinha, mãe do Manelzinho Penetrá e fez vários telefonemas: para o Manuel Gomes Calafate, para o Quim Xiquita, para o Albertinho Furtada. Tentou ainda telefonar para o Maximino que não estava em casa (atendeu-o a Rosa) e para o Amândio Caramalho que se encontrava ausente também.

Esteve junto de um prédio de seis andares mandado construir na praça Moá pelo conterrâneo Artur Sobral e viu um outro edifício na Ilha do Governador que pertenceu ao Emídio da Farmácia. Enfim, a diáspora fangueira.

O sogro do Manuel Cantoneiro é o António Leal que «mede» já 92 anos. Deve ser nesta altura o fangueiro mais idoso. Mantém-se lúcido e saudoso de Fão. Apesar de se encontrar ausente há 60 anos, descreveu ao Adelino várias partes da nossa terra e com pormenores. O Lino esteve com o Neca Paralta no bar deste conterrâneo. O Neca tem receio de vir a Fão, porque se vier não sai mais.

Foi uma jornada de saudade onde se falou deste «*torrãozinho sem igual*». «O Novo Fangueiro é muito bem recebido e lido até à última linha.

O Manel queixou-se ao irmão que o seu nome nunca vem no jornal na lista dos assinantes, mas tem pago sempre. Está desencansado, Manuel. Estás na bicha, mas tudo bem, tudo em ordem. Apresentamos duas fotografias entre as muitas tiradas pelo Adelino. É a nossa homenagem aos queridos conterrâneos que se encontram no estrangeiro. Só queremos que nos dêem mais direcções para lhe mardarmos este mensageiro com o fim de não ficarem virados para o lado de lá. Mandem também mais fotos que a gente vai «metendo» uma de vez em quando.



A Laida Martinha, o pai António Leal e o Adelino



A Amelinha do David, a Helena Martinha, o Adelino e a Laida Martinha

## AGRADECIMENTO

A família de Manuel Ramos Ferreira vem por este meio agradecer as provas de amizade e solidariedade que lhe foram prestadas durante a doença e o passamento do seu ente querido.

## RUA DO CANAL

*Esta rua (onde foram buscar este nome?) mais conhecida pela rua das Pedrinhas, tem sido muito mal tratada. Durante algum tempo passaram por lá levadas de camiões que iam buscar areia a um pinhal ali perto que foi deixado abaixo. A rua ficou escavacada e esventrada. Agora a «mina» acabou mas o caminho ficou na mesma.*

*Entendemos que a entidade que lucrava com o negócio ou seja a pessoa que vendeu a areia deve reparar aquela artéria. Aliás estamos crentes, e não admitimos o contrário, que a Câmara deve ter salvaguardado este aspecto e por isso deve pressionar o vendedor a reparar aquilo que estragou.*

*A iluminação da referida artéria também deixa muito a desejar e nós recordamos um assassinato que se verificou por aquelas bandas ainda não fez muito tempo.*

## BOLSAS DE ESTUDO

Encontram-se abertas as inscrições para Bolsas de Estudo a atribuir a alunos do concelho de Esposende que frequentam o Ensino Superior. Os impressos de candidatura poderão ser requisitados no serviço de Expediente e Informação da Câmara Municipal de Esposende e o prazo de candidatura decorrerá durante o mês de Novembro



# REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

**REIMELI**

PORTO — RUAS DE OUTUBRO, 212 — TEL. 69 61 05-69 10 18-6 37 48 — FAX 667385  
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206

# PÁGINA JOVEM

**Olá, jovens! mais um mês passou. O Inverno aproxima-se. O frio já se faz sentir. Que bem que sabem já as roupas quentinhas! E as castanhas... quentinhas também!**



## ESTE MUNDO É UMA PERMANENTE VIAGEM

Por CLÁUDIA GUIMARÃES

Este mundo é cheio de altos e baixos, tanto há países em guerra como em paz, tanto se pode estar feliz num dia como triste noutro.

Ninguém, durante a viagem da sua vida, foi sempre feliz. É triste ver os pobres alimentarem-se muitas vezes de lixo, mães sem poderem alimentar os filhos por falta de emprego e muitas vezes de informação.

Por isso, acho que é muito lamentável ver os filhos deitarem fora oportunidades. Quem sabe, muitas vezes, o que os pais fazem para conseguir algum dinheiro para ter os filhos a estudar!...


Eu sei que não ligava muito a isso até agora, mas espero sinceramente nunca ver os meus filhos a fazerem-me o mesmo e neste momento sei o que fiz sofrer aos meus pais, dando-lhes tantas tristezas. Mas como não se pode voltar atrás, espero ainda trazer-lhes muita felicidade.

Porque tudo o que eles fizeram: trabalharam, construíram e acumularam, fizeram-no também pelos filhos, porque mais tarde, o que ficar, é tudo para eles.

O que me faz mais impressão neste mundo são os moçambicanos, tão magros e sem alimentos, gostaria imenso de os poder ajudar e quando puder, o farei.

O mais importante no mundo é a paz e acho que todos devemos lutar por isso.

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

*Impetus* 

## PAUSA PARA SORRIR

Um indivíduo está a cavar um terreno, afanosamente. Aproxima-se um outro, que morava ali perto, e diz-lhe:

— Ó vizinho tenha cuidado, que aí passa um cano.

O outro agradece e continua a cavar.

O que tinha falado foi à cidade tratar de uns assuntos e, no regresso, encontrou o terreno todo alagado e o cavador sentado numa pedra, com ar lamentoso.

— Ó vizinho! — exclamou. — Então eu não lhe disse que aí ficava um cano?

— Lá dizer, disse — responde o outro. — Mas não me disse a que horas é que ele passava!

★

Um indivíduo muito guloso foi convidado para um jantar de cerimónia. A certa altura, a vizinha de mesa, querendo meter conversa, pergunta-lhe:

— Gosta de crianças, senhor Fagundes?

— Nunca provei, minha senhora — responde o comilão, distraidamente.



DESENHO DE ISABEL M.

## SEM NORTE

Ando na vida  
Sem norte.  
como ave que em  
Seu voo, desprevenida,  
Por um tiro certo  
Foi ferida.

Seguindo em sofrimento,  
asa quebrada,  
Não encontra por quem  
Ser acarinhada.

Também eu, chorando,  
O peito destroçado,  
Vou andando  
E consigo ver apenas  
Este meu sofrimento  
Prolongado.

SU

## CORRENDO PARA O IMPOSSÍVEL

Respirando um ar nauseabundo,  
E por entre uma floresta  
Onde as árvores estão mortas e secas,  
Eu corro!

Atropelando os outros,  
Tropeçando e caindo,  
Sangrando e esforçando-me,  
Eu corro!

Esta necessidade é forte,  
É uma loucura,  
É um grito que ecoa!  
E todos corremos,  
Corremos sem parar,  
Sem saber para onde,  
Como se tentássemos  
Alcançar algo, desesperadamente!

Será que toda  
A corrida da vida,  
Aparentemente sem sentido,  
Se encaminha, afinal,  
Para o desvendar do mistério  
Que é o homem?  
Ou para possuir o seu segredo?

Porque o Homem  
Precisa de possuir e mandar.  
Custe o que custar!  
E assim vivemos todos,  
Meios loucos,  
Nesta sociedade materialista e vil.

MARTA (16 anos)

## CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS CIVIL, PREDIAL E COMERCIAL DE ESPOSENDE

«CONSTRUÇÕES HIPÓLITO & FARIA LIMITADA»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º DE MATRÍCULA: 00405 — N.º DE IDENTIFICAÇÃO DE PESSOA COLECTIVA: 502.325.810 — N.º DE INSCRIÇÃO: 1/AV. 3 — N.º E DATA DA APRESENTAÇÃO: 08 - 92/10/08

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA, que foi depositada a fotocópia da escritura, donde consta a renúncia à gerência, pelo ex-sócio gerente AMÂNDIO LEITE FARIA.

★

N.º DE INSCRIÇÃO N.º 4 — N.º E DATA DA APRESENTAÇÃO 09 - 92/10/08

CERTIFICA, ainda que foi depositada a fotocópia da escritura da qual consta a autorização prestada pelo ex-sócio

gerente AMÂNDIO LEITE FARIA para que da firma em epígrafe continue a constar o apelido «FARIA».

CONSERVATÓRIA DO REGISTO PREDIAL DE ESPOSENDE, aos 21 de Outubro de 1992.

A CONSERVADORA DESTACADA,  
a) *Maria do Céu Neiva Portela*

## CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS CIVIL, PREDIAL E COMERCIAL DE ESPOSENDE

«CONSTRUÇÕES HIPÓLITO & FARIA LIMITADA»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º DE MATRÍCULA: 00405 — N.º DE IDENTIFICAÇÃO DE PESSOA COLECTIVA: 502.325.810 — N.º DE INSCRIÇÃO: 5 — N.º E DATA DA APRESENTAÇÃO: 10 - 92/10/08

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA, que foi alterado o contrato da sociedade

de em epígrafe quanto aos artigos 3.º e 4.º e eliminado o artigo 5.º, tendo aqueles ficado com a seguinte redacção:

ARTIGO 3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de QUATROCENTOS E CINQUENTA MIL ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas sendo uma de QUATROCENTOS E VINTE E SETE MIL E QUINHENTOS ESCUDOS, pertencente ao sócio DOMINGOS HIPÓLITO DA SILVA e outra de VINTE E DOIS MIL E QUINHENTOS ESCUDOS pertencente à sócia AMÉLIA MACHADO VILAS BOAS CALÇADA.

ARTIGO 4.º

A gerência da sociedade pertence ao sócio DOMINGOS HIPÓLITO DA SILVA, bastando a sua assinatura para vincular a sociedade.

O texto completo do contrato na sua redacção actualizada ficou depositado na pasta respectiva.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos 21 de Outubro de 1992.

A CONSERVADORA DESTACADA,  
a) *Maria do Céu Neiva Portela*

## JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

*Especialidade em fumeiro caseiro*  
*Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas*

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA  
TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS  
TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538  
APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

# TRIÂNGULO JOTA

UMA COLEÇÃO NOVA  
PARA GENTE NOVA



EDIÇÕES ASA



## LEMBRE-SE

Se está triste porque perdeu o seu amor,  
Lembre-se daquele que não teve um amor para perder.

Se ficou decepcionado com alguma coisa  
Lembre-se daquele cujo nascimento já foi uma decepção.

Se está cansado de trabalhar  
Lembre-se daquele que, angustiado; perdeu o sem emprego.

Se reclama de uma coisa menos saborosa,  
Lembre-se do faminto, sem um pedaço de pão.

Se o seu sonho se desfez,  
Lembre-se de quem vive num pesadelo constante.

Se anda aborrecido  
Lembre-se daquele que espera um sorriso seu.

Se tem um amor para perder; um trabalho para cansar;  
Um sonho desfeito; uma tristeza para sentir;  
Uma comida para reclamar...  
Lembre-se de agradecer a Deus! Porque existem muitos, que dariam tudo para ficar no se lugar...

# DE APÚLIA

**DE LUTO** — Pelo falecimento de seu filho — **ADEMAR MORGADO HIPÓLITO** — casado, de 35 anos de idade, ocorrido no Brasil, vitimado por doença, ainda incurável, encontra-se de luto o nosso conterrâneo Senhor **ALEXANDRINO DA VINHA HIPÓLITO**, e sua esposa **D. MARIA DOS ANJOS MORGADO**.

As cinzas do infeliz jovem vão ser trazidas para Esposende, depois da incineração do seu corpo na cidade de S. Paulo, daquele país, onde residia e contraíu matrimónio.

Aos inconsoláveis Pais apresenta este jornal, e em particular o seu correspondente em Apúlia, os seus mais profundos sentimentos de pesar.

**ENTRE NÓS** — Novamente entre nós, para matar saudades e praticar o seu desporto favorito, a caça, encontra-se o nosso conterrâneo — **JOÃO GOMES MOREIRA (João Fé)** — como sempre acompanhado da Esposa e do Filho.

O João Fé que exerce actividade comercial há muitos anos na Cidade de S. Paulo — Brasil, e que em cada apuliense tem um amigo, todos os anos, quando as árvores se despem da folhagem, e a chuva e o frio fazem da vida uma triste monotonia, por cá aparece, sempre simples, sempre brincalhão, e cada vez mais bairrista.

Umhas boas férias e boa pontaria.

**FALECIMENTOS** — No dia 28 de Setembro, último, faleceu a Senhora — **D. MARIA DE SÁ EIRAS** — solteira, nascida em 1 de Setembro de 1937.

Era filha de Armindo Fernandes Eiras e de Olívia Gomes de Sá Eiras, e o seu falecimento verificou-se no Hospital de S. Marcos, da cidade de Braga, vítima de doença incurável e prolongada.

Em 11 de Outubro, faleceu a Senhora **D. PALMIRA GOMES**, viúva de Mário Gomes Ramos Igreja, e filha de João Baptista Gomes e de Rosa de Jesus Loureiro. Residia no Lugar da Igreja, e era natural de Encourados, concelho de Barcelos.

Para todos os familiares, em luto, apresentamos os nossos pêsames.

**FUTEBOL** — Com um começo algo infeliz, o nosso representante no Campeonato Distrital de Futebol da 1.ª Divisão de Braga, cedo se recompôs, e os resultados e as exhibições já deixam antever uma prova tranquila.

Últimos resultados: Vitória em Fão por 2-0 e vitória em casa ao Sequeirense, por 1-0, empate em Fradelos por 1-1 e vitória em casa por 1-0 frente ao Lagense.

Entretanto os «miúdos» das equipas do Apúlia em prova, estão também a portar-se bem e a arrastar muita assistência ao Campo dos Sargaceiros.

Há ali «gente» com pinta.

**RÁDIO DE ESPOSENDE** — No princípio, quando da sua criação, todos (ou quase) lhe agurávamos vida difícil e efémera. Dizia-se que por trás da sua actividade la estar a «Voz do dono», a voz do Partido, ou a voz do Empresário. Ou até a voz dos três em simultâneo.

Os factos viriam a provar que não era bem assim, o que tornou possível o seu crescimento em qualidade e o alargamento do tempo de antena com programas de interesse geral. E o conseqüente aumento de audiências. Quantas vezes, supõe-se, fazendo das «tripas coração», para ignorar e vencer vicissitudes, influências, e os «trambolhões», próprios dos bebês, quando começam a «engatinhar».

Veio para ficar? — Não se pode, em boa verdade, fazer essa afirmação, na previsão de escolhos e «rasteiras» que normalmente surgem no caminho das pessoas e das instituições, ao longo dos anos. Sobretudo quando uns ou outras, pelo seu esforço começam a causar «engulhos» e inveja a alguma gente. Depois, todos sabemos, é sempre difícil (se não impossível) agradar a gregos e a troianos, ao mesmo tempo. No que respeita à rádio de Esposende, isso não terá afectado, em nada, a sua independência.

A verdade é que ela vai muito bem lançada, com programas muito bem construídos e realizados. E não só no aspecto musical, de todos talvez o mais irrelevante. As vertentes política, desportiva, informativa, cultural e recreativa, são do melhor que se ouve nas ondas hertzianas de nível regional. Provam-no as audiências, cada vez maiores e cada dia mais agradadas, em toda a zona esposendense, e até nos concelhos limítrofes.

A Rádio de Esposende já é uma referência e um vício para a maioria das gentes do concelho, a quem vem prestando bons serviços, na divulgação das suas obras, das suas críticas, dos seus anseios, dos seus costumes e das suas realizações. E até, em alguns casos, defendendo os seus interesses.

A Rádio de Esposende esteve na última sexta-feira, 30 de Outubro, em programação directa desde Apúlia, das 21.30 às 23.30 horas. Não ouvimos, mas pessoa insuspeita, que nem é dessa rádio nem de Apúlia, diz-nos que o programa foi muito bem realizado e concebido, com bastante nível e de muito interesse.

Ali se falou de tudo, na voz da Junta de Freguesia, das suas Associações, dos Sargaceiros, dos Columbófilos, do Grupo Desportivo, e da Igreja.

Parabéns a todos: Rádio de Esposende e intervenientes.

## RECORDAÇÕES D'ANTANHO

(Continuado do número anterior)

Eram e, ainda infundáveis, são tuas cantigas de sons divinos propagados pela espuma florida do mar que leva e traz tua alma quando em ti invocam alguém no Céu. Mas quantas voltas ao mundo dás no coração de cada Fangueiro? São mais voltas que as do planeta que a terra todos vêem quieta! Associam-Te salomão, Ofir, Faraós e ignoram-Te sábios mas sobejam imortais Pessoas ou incógnitos Mozarts cujos perpétuos acordes e poemas nos revivem os bons velhos tempos d'outrora com eternas obras de arte, sob os mais lindos temas. Por ninfas o Cávado jamais chora que outro rouxinol traz nova aurora.

Então és omnipotente em todos — por todos os cantos do mundo — porque a todos afaga o teu vento do rio, do pinhal, do mar, da terra, no Ramalhão, nas Pedreiras, no Cais (e que para bem longe vá a amargura que os pátios antigos, infelizmente, jamais pois o bemedito perdoa aos «pedradores»), mas os olhos da gente nunca mais. Os garbosos da Comissão na velha andança para um arraial, bonito, na Alameda e um pinhal de lâmpadas e embandeirado, a banda de música já se ouve nas Pedreiras e as procissões a saírem já do adro. Os olhos do senhor Bom Jesus brilhantes, no andor vai a Senhora da Bonança, no Santo António quebram-se cântaros, enquanto os foguetes se queimam distantes e, nas ruas, Nossa Senhora Te abençoa.

Quando iluminas velhas imagens que rabiscam na tua gente coisas, como esta, em garatujas.

CASANOVA

## PRÉMIO REIMELI

Interessa-nos fomentar o gosto pela leitura e pela escrita entre a juventude. A televisão nesse aspecto constitui uma dádiva perniciososa.

Vamos, assim, com o alto patrocínio da Reimeli, que o mesmo é dizer, do nosso amigo António de Sá Pereira, promover um concurso de poesia. O vencedor terá um prémio de 10.000\$00.

Podem concorrer jovens até aos 18 anos, inclusivé.

O prazo vai até ao fim do mês. A direcção será:

«O Novo Fangueiro»  
Fão — 4740 Esposende

# DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

## FUTEBOL

Últimos resultados: Fão, 0 - Apúlia, 2; Maximinense, 2 - Fão, 1; Fão, 0 - Forjaes, 0; Águias da Graça, 1 - Fão, 1.

Se juntarmos estes resultados ao primeiro que foi uma vitória por 2 - 1 fora de casa, teremos assim um saldo de início de época, com uma vitória, dois empates e duas derrotas. Claro que para a pontuação do campeonato não serve a vitória alcançada fora, na 1.ª eliminatória da Taça da A. F. Braga. Não achamos este começo uma coisa maravilhosa, mas também não vamos embarcar no pessimismo dos maus agoirentos. E, se não, analisemos muito naturalmente: só a derrota em casa frente ao Apúlia é que está um pouco fora da lógica, se tivermos em conta que nos últimos anos os resultados entre equipas vizinhas têm-se ficado pelos empates; e com certeza que quase toda a gente estaria à espera do mesmo, principalmente com o Apúlia, mas a verdade é que para quem assistiu ao jogo, desta vez teve que aceitar a supremacia dos nossos vizinhos, principalmente na segunda parte com o vento a favor e depois do auto-golo do defesa fangueiro.

Já o mesmo não poderemos dizer do confronto com o Forjaes onde a nossa equipa falhou estrondosamente oportunidades de golo. Foram poucas, mas só pertenceram à equipa da casa exceptuando os bons momentos de acerto da defesa quando a isso foi obrigada e foram poucos. Olhando para os nossos adversários o empate era a meta a atingir. Isso ficou bem patenteado durante o jogo. E quando se viram obrigados a jogar com dez elementos, por expulsão do seu guarda-redes, mais se agarraram a esse objectivo.

A exibição do meio campo e ataque do Fão foi tão medíocre que nem esse contratempo dos visitantes souberam aproveitar.

Apesar de tudo, continuamos a dizer que empates entre vizinhos é o resultado mais usual. Quanto aos resultados fora de casa, sendo de parte outra má exibição em Maximinos, para tudo correr mal até sofremos o golo da derrota a poucos minutos do fim. À parte isso, uma vitória e um empate (este jogo foi em casa do primeiro classificado), é caso para perguntar se os be... se tornaram bestiais!

Vamos aceitar as coisas naturalmente e apoiar, acima de tudo, quando a rapaziada mais precisar.

## CANOAGEM

### Torneios Abertos — Fase Final (Santa Luzia-Algarve)

K1 Menores masculinos — 200 m, Pedro Coelho, 5.º semi-final; 2000 m, Pedro Coelho, 21.º. K1 Infant. masc. — 200 m, Juvenal Sousa, 7.º, eliminatória; Eurico Oliveira, 6.º, eliminatória. 2000 m, Juvenal Sousa, 44.º; Eurico Oliveira, 34.º. K1 Cadet. masc. — 200 m, Diogo Silva, 4.º, semi-final; 2000 m, Diogo Silva, 17.º. Classificação por clubes: 29.º.

Este ano não apareceu nenhum supermenor como por exemplo Mauro Roxo que

na época passada foi uma alegria vê-lo ganhar quase tudo. Mas outra alegria tiveram os responsáveis do Náutico de Fão: foi ver a grande participação da miudagem nos treinos diários em muito maior número que no ano anterior.

Participar é o lema dos miúdos. E lembrem-se disto: nem todos podemos ser Belmiros Penetras.

## SAVONIA — ITÁLIA

Nesta cidade disputaram-se provas para novos valores da canoagem com a participação de Portugal, Espanha, Itália, Eslovénia e Hungria.

Em K4 500 m, Portugal obteve o 1.º lugar através dos Cadetes Miguel Rolha, do Náutico de Mértola, André Santos, do CDUP (Porto), Miguel Pedras, do Náutico de Fão e Pedro Bastos, de Aveiro.

Também os nossos vizinhos do Náutico de Gemeses tiveram representantes na selecção Nacional: em Infantis, Sílvia Miranda, 2.º lugar e em menores, Sandra Morgado.

## COLUMBÓFILA

A secção Columbófila Fãozense organizou o seu convívio anual onde fez a entrega de prémios da temporada aos seus associados e o curioso é que muitos deles não são fangueiros mas sim de freguesias vizinhas.

O entusiasmo que demonstraram por esta modalidade é tal que não podíamos esquecer-los, e, assim trazer para esta página desportiva toda a sua actividade com honras de fotografias e tudo.



Os troféus que iriam ser distribuídos pelos vencedores

Desde a criação dos pombos até aos treinos específicos, da alimentação adequada até às instalações desejadas para o melhor alojamento das aves, cada concorrente através das suas possibilidades económicas faz o que pode para que durante o período das provas possa sentir a alegria de ver os seus exemplares premiados.

Numa outra oportunidade vamos falar mais desta modalidade desportiva através do presidente da secção Columbófila Fãozense e vamos poder lamentar a vida de saltimbanco que esta colectividade tem tido no que respeita a ter uma sede social: desde os favores do Clube Fãozense até à amabilidade dos Bombeiros e agora de uma sala da escola Amorrin Campos, que também lhes foi cedida por pouco tempo.



O convívio dos sócios columbófilos de Fão

**Provas de velocidade** — Estas provas são disputadas até à distância de 300 kms.

**Provas de Meio-Fundo** — Estas provas são disputadas entre 300 e 500 kms.

**Provas de Fundo** — Distâncias superiores a 500 kms.

**Campeonato por Eliminatórias (Bota Fôra)** — Depois dos concorrentes deitarem fora o seu opositor, saiu vencedor desta prova o concorrente Manuel António Alves Martins.

**Vencedor nas Provas em Disputa** — Prova de velocidade, vencedor Manuel António Alves Martins; meio fundo, vencedor Manuel António Alves Martins; fundo, vencedor Manuel António Alves Martins.

**Outras classificações** — Para o melhor borracho — 1537449/91, Adelino Maciel Soares (1 anilha em prata); para a melhor fêmea — 1119220/90, Manuel António Alves Martins (1 anilha em prata); para o melhor pombo — 672112/89, Manuel António Alves Martins (1 anilha em prata).

**Classificação Geral** — 1.º Manuel António Alves Martins, 2.º António do Vale Esteves, 3.º Jorge Manuel Portela de Sousa, 4.º Manuel António de Sousa Lopes, 5.º Adelino Maciel Soares, 6.º João de Barros Tarrío, 7.º Adelino Jorge Lopes Dias, 8.º Fernando Hipólito da Silva, 9.º António de Azevedo Arantes, 10.º Domingos da Silva Rêgo Lopes Brandão, 11.º Joaquim Carlos Cardoso, 12.º Manuel da Silva Caramalho, 13.º Joaquim da Cunha Mariz, 14.º António Escrivães Gonçalves, 15.º Evangelino da Silva do Paço, 16.º Gustavo Ernestino Gomes da Costa, 17.º Adolfo Manuel Torres Ribeiro, 18.º Daniel Barros Gonçalves Moreira, 19.º Manuel Amândio Gonçalves Vasco, 20.º Leonel Gomes Amorim e 21.º Carlos Manuel Barroso Vasco.





# PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



## CULTURA DO ESPARGO

(Continuado do número anterior)

### 5. Egiências

**Clima** - O espargo, embora nativo de regiões temperadas, é uma planta rústica, crescendo em todos os climas. Suporta com relativa facilidade tanto os calores de Verão como os frios do Inverno. Esta adaptação da cultura ao frio permite-lhe, desde que beneficie de protecção adequada que lhe faculte um meio óptimo para o desenvolvimento, iniciar a vegetação logo no princípio da Primavera, facto que torna possível a obtenção de produções a partir de Maio.

Um aspecto basilar: as condições climáticas devem ser de molde que a planta beneficie anualmente de um período de repouso vegetativo. Portanto, é essencial que o Inverno se caracterize por temperaturas bastante baixas. A temperatura mínima exigida para que se concretize o crescimento é de 5° C. Logo, requiere-se que durante a estação invernosaja haja um espaço de tempo com temperaturas inferiores à referida. Este período de letargia permite que nas reservas alimentares que ao longo do ano foram acumuladas se verifiquem importantes alterações químicas, que irão influenciar positivamente o futuro desenvolvimento da cultura. Não se recomenda a cultura nas regiões onde o espargo não possa beneficiar desse período de repouso, dado que as plantas desenvolverão rebentos fracos e cada vez mais finos, portanto, com qualidade inferior.

Em Portugal, o espargo adapta-se a todas as regiões. No entanto, a cultura na parte meridional do território assume maior interesse por ser possível a obtenção de produções com bastante precocidade em relação ao resto do País e, até, ao estrangeiro.

A temperatura ambiente também influencia o crescimento dos «turiões» que para o seu desenvolvimento necessitam que as temperaturas não sejam inferiores a 10° ou 12° C.

**Solos, correcções e adubações** — Para a espargueira deve escolher-se um talhão bem exposto aos raios solares mas abrigado dos ventos fortes. No caso de não ser possível encontrar um local que reúna em simultâneo as duas condições mencionadas convém proceder-se à instalação de protecções adequadas contra o vento (estabelecimento de quebra-ventos, etc.).

O espargo prefere solos leves — caso dos que possuem textura arenosa ou franco-arenosa —, fundos, porosos, com fraca compacidade, não encharcadiços e ricos em matéria orgânica. A textura ligeira, que implica em geral boa porosidade, é essencial para que as raízes se possam desenvolver sem restrições em qualquer direcção. Os solos de areia um pouco grosseira são os que dão produções mais precoces. Por outro lado, nos solos muito compactos, e também nos pedregosos, o espargo tem dificuldade em romper e, por isso, apresenta com frequência «turiões» torcidos ou de qualquer forma deformados, com pequeno ou nulo valor comercial. Em certas regiões da Grã-Bretanha, é costume a aplicação aos solos muito compactos de terra queimada ou de cascalho, com o duplo

objectivo de conseguir a melhoria da drenagem e, simultaneamente, o aquecimento do meio.

Pode afirmar-se que a água em excesso constitui um factor limitante da cultura. Na realidade, devem ser eliminados para o cultivo do espargo os solos comprovadamente de má drenagem ou que possuam vegetação natural ou daninha comprovadora da consição mencionada, como a junça e a erva-pata, por exemplo. Os trabalhos de drenagem cuja execução seja considerada essencialmente devem ter lugar, de preferência, no Outono do ano anterior ao da plantação. Os «turiões» produzidos por plantas desenvolvidas em solos húmidos e frios apresentam-se muito duros e com sabor amargo, portanto de deficiente qualidade.

Esta planta hortícola desenvolve-se bem com valores do pH de 6,0 a 7,5. Valores inferiores a 6,0 originam baixas importantes no rendimento. Por outro lado, os solos ligeiramente alcalinos, de pH 7,0 a 7,5, provocam o desenvolvimento de «turiões» de coloração rosada, com boa procura por parte de muitos apreciadores. Nos solos excessivamente ácidos é recomendável a realização de uma calagem. A este respeito, o uso de dolomite apresenta a vantagem de enriquecer o solo em cálcio e em magnésio, elementos de muita importância para a alimentação da planta. Este correctivo pode ser incorporado com os trabalhos de preparação. Segundo Perez e Muñoz, nos solos arenosos a reacção deve situar-se próximo da neutralidade mas abaixo dela (pH 6,5 a 6,8) para não ficar bloqueada a assimilação do boro.

(Continua no próximo número)



# Basta

## a melhor alternativa

**Herbicida total**

**Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança**

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 60	66 70 51
TELEX	16 380	22 708
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

**Hoechst - um amigo na agricultura**

**Hoechst** 

Cap. Soc. 8 000 000 0000000000 Reg. Com. Boleto n.º 1438

# HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES  
JARDINAGEM  
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78  
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

## CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR  
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA  
DE CALIBRADOR  
POR PÊSO



DESCARREGADOR  
E ELEVADOR



CALIBRADOR  
POR PÊSO  
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE  
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22  
FAX 044/81 23 02  
TELEX 43811

**SONDECA**

APARTADO 12  
PARCEIROS  
2401 LEIRIA CODEX

## ASSOCIAÇÃO DE PAIS DO CONCELHO DE ESPOSENDE

Realizou-se no dia 17 de Outubro a eleição dos novos gerentes desta Associação que ficou assim constituída:

ORGÃOS ELEITOS — 1992/93

*Mesa da Assembleia Geral* — José Ribeiro Afonso, Marinhãs; Domingos NÓvoa Barbosa, Marinhãs; Maria Eulália L. F. Pereira, Esposende.

*Suplentes* — Maria de Fátima Silva da Costa, Esposende; Joaquim Gonçalves Eiras, Curvos.

*Direcção* — José Luis Correia de Azevedo, Esposende; Maria Emília Vilarinho Zão, Esposende; Albino Pereira Oliveira, Gandra; João Pita Pombo, Marinhãs; António Cruz Bernardino, Esposende; Manuel Agostinho Ferreira dos Santos, Marinhãs; Joaquim Mariz da Silva, Marinhãs; João Francisco Fernandes, Fão; Justino Mouquinho da Costa, Fonte Boa; Gaspar Capitão NÓvoa, Marinhãs; Manuel Carvalho Azevedo, Belinho.

*Suplentes* — Vitorino J. P. M. Fernandes, Esposende; Eduardo Martins Fernandes de Sá, Belinho.

*Concelho Fiscal* — Manuel do Cabo Fernandes Grilo, Fão; José Manuel de Sousa Martins, Mar; Emídio Real Morais, Fão.

*Suplentes* — Maria Augusta Ribeiro Fernandes, Marinhãs; Fernando Pires Boaventura, Vila Chã.

No plano de acção para o mandato de 92/93 a APCE tem em conta que nesta fase de planeatização:

«Nesta fase de planetização da informação, da globalização involuntária de alguns problemas, mormente ambientais — capazes de comprometer o futuro de todos nós e dos nossos descendentes — e de desígnios que passam pela comunitarização de vastas regiões como a da Europa, Portugal e cada um de nós — portugueses e esposendenses — não podem permanecer alheados desses grandes problemas. É o apelo imperativo aos países e às pequenas regiões para encontrarem soluções de âmbito regional para aqueles problemas.

Hoje, já pouca gente duvida que as soluções passam essencialmente pela EDUCAÇÃO. Já não se trata de instruir para garantir a subsistência da própria espécie».

Na mesma reunião: «Os pais e encarregados da educação do Concelho de Esposende, reunidos em Assembleia Geral na Escola Secundária de Esposende, no dia 17 de Outubro de 1992, pelas 9h. e 30m., preocupados com as consequências para a vida e a saúde das suas famílias e concidadãos, em virtude do encerramento dos Serviços de Atendimento Permanente do Hospital Valentim Ribeiro de Esposende, entre as 24h. e as 8h. da manhã desde o passado dia 30 de Setembro, sem que fossem oferecidas outras alternativas àquele serviço público concelhio, deliberaram o seguinte:

a) pedir a intervenção de todos os órgãos do Município e das Freguesias de todo o Concelho, no sentido de exigirem a reabertura daqueles serviços públicos ou de encontrarem outras alternativas que garantam o direito estabelecido há muitos anos de recurso àqueles serviços de urgência, entre as 24h. e as 8h. da manhã;

b) apelar aos responsáveis dos serviços de saúde para que providenciem as condições mínimas ao funcionamento daqueles serviços;

c) mandar a Direcção da Associação de Pais do Concelho de Esposende para enviar e divulgar a presente posição».

# FACTOS PARA A HISTÓRIA DE FÃO

(Continuado da pág. 12)

Em 1412, a localidade é mencionada como estando despovoada.

Em 1520, pagava tributo à Sé de Braga. A barra de Fão que em 1531 é referida como profunda, aparece em 1649 somente para barcos de pesca.

Em 1552, os moradores vivem de pescar e tinham dois barcos de comércio, fruto da época das Descobertas, e do aumento da sua população.

E destes factos, resulta a constituição da Misericórdia de Fão, nos fins do séc. XVI, a que se segue a Igreja da Misericórdia, com início provável em 1600.

Em 1626, teria sido construída a ermida do Bom Jesus, dando lugar à Igreja construída entre 1721 e 1733.

O primitivo hospital da Misericórdia já funcionava em 1630. O actual só foi fundado em 1854.

Em 1632, havia barca de passagem em S. Martinho da Gandra. Outra passagem era na Barca do Lago.

Nesta data não havia gente de vulto em Fão, devido ao período de estagnação, em que se vivia nessa época.

Porém, em 1673 é concluída a construção da Igreja matriz.

A Irmandade do Bom Jesus constituída em 1711, dá lugar à Confraria, criada em 3-2-1723.

Dado o desenvolvimento agora verificado, constata-se a utilização no rio Cávado, das seguintes embarcações: patachos, caravelas e barcas.

Em 1758, a maior parte dos seus moradores são pescadores. Tem 300 fogos

e 1.100 pessoas. Pagavam tributo à Casa de Bragança.

Em 1784, ainda quase todos os seus habitantes eram pescadores.

No séc. XVII, já Fão e Esposende apresentavam as suas rivalidades.

No séc. XIX, desenvolve-se a construção naval em Fão, que se estende pelo início deste século actual, de que outros farão a História.

Através deste resumo, proponho às entidades de Fão, a devida comemoração das datas aqui apresentadas, de modo a honrar o seu passado, e a lembrar aos seus habitantes, que têm motivos para se apresentarem com *fangueiros*.

Ao jornal solicito que faça eco das mesmas palavras, em homenagem a todos os investigadores sobre a História de Fão, que contribuíram para o resultado aqui expresso.

## FALECIMENTO

*Após um longo período de sofrimento, faleceu em Fão, no dia 1 de Novembro, vítima de doença que não perdoa, o nosso conterrâneo António Gonçalves Lopes.*

*Cobrador de camioneta a princípio, tornou-se vendedor depois, ascendendo finalmente ao estatuto de empresário. Fundou uma fábrica de móveis que atingiu uma certa notoriedade.*

*A pouca saúde forçou-o a uma reforma antecipada. Quando mais jovem revelou-se um grande amigo dos Bombeiros. Que descanse em paz.*

*Aos seus familiares apresentamos condolências.*

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarelho  
José Ramos da Silva  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira  
João Pedras

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 - Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII - Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

## HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO - 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053 - 98 14 73/4  
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m<sup>2</sup>, frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m<sup>2</sup>, a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boife com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Óptimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

# INAUGURAÇÃO DO CENTRO CULTURAL

No espaço de um mês, duas inaugurações. Parece que muita gente não gostou mas nós gostamos. E se em lugar de duas fossem oito, tanto melhor. É certo que esta inauguração tornou-se um tanto polémica. Todos sabem porquê. A princípio, com a outra Junta, o local destinava-se a mercado; a autarquia actual adoptou-o a centro cultural.

Qual seria a melhor solução? A nós parece-nos que tudo vai depender do modo como aquele espaço for preenchido. Não basta chamar-lhe centro de cultura. É preciso que o seja de facto.

Portanto, não se deve adiantar uma resposta concreta, mas não se pode negar que actualmente estão a criar-se em Fão algumas infra-estruturas que podem lançar a terra no caminho da valorização e do progresso. É o Centro Cultural é uma delas. O mercado também poderia «pegar» e constituir por sua vez uma outra sub-estrutura.

Hoje, porém os grandes hiper mercados estão a sufocar os pequenos e médios vendedores e isso constitui um argumento que pode ter levado a autarquia a virar o rumo. De qualquer modo a reviravolta tomada tem o seu quê de político e isso detecta-se claramente na divisão das hostes: todo o CDS é pró-mercado; todo o PSD é pró-Centro Cultural. Esta homogeneidade partidária faz-nos desconfiar e confere timbre político.

## FACTOS PARA A HISTÓRIA DE FÃO

A fundação de Fão poderá ter origem no povo que habitava o Castro de Rio Tinto, quando da chegada dos Romanos.

No séc. X, o lugar de Fão pertencia a D. Flâmula, sobrinha da condessa Mumadona, a qual em 997 o legou ao mosteiro beneditino de Guimarães.

Nesta data, já eram notáveis as salinas de Fão, as quais continuam a ser referidas, nas Inquirições dos nossos primeiros reis.

Em 1059 há notícia, de Fão possuir a Igreja de S. Paio e salinas.

Em 1111 havia salinas pertencentes à Sé de Braga e aos mosteiros de Guimarães e do Bouro.

Em 1220, o rei D. Afonso II tinha 33 casais que produziam pão, linho e sal; e pagavam foros em trigo, porcos, galinhas, peixe, sal, etc.

Fão, no séc. XIV estava situada na terra de faria, mas pertencia à jurisdição de Guimarães.

Já em 1377 e depois em 1549, Fão aparece como um bom porto de mar (sic).

Em 1409, foi incorporada no julgado de Faria.

Para o Presidente Figueiredo a solução achada foi a melhor e ele alegou no seu discurso inaugural que já no tempo da outra senhora (por acaso era uma senhora) ele vinha clamando: *delendum est* mercado. É verdade, sim, senhor, mas...

Reportando-nos de novo ao discurso do Presidente Alberto Figueiredo, proferido no dia 24 último, data da inauguração, reparamos que este magistrado administrativo reiterou o seu ponto de vista no que concerne à manutenção dos edifícios de recreio e cultura: tem que ser as próprias associações a velar pela manutenção e conservação dos mesmos. Já, a quando da abertura do Posto Náutico, revelou a mesma filosofia. Ela tem certa

lógica, mas é portadora de uma injustiça flagrante: quanto gasta a Câmara com a manutenção do campo de jogos onde treina e realiza desafios a A. D. de Esposende? Já dizia o António Silva: ou comem todos...

Por sua vez, o dr. Luís Marques Mendes, Ministro-Adjunto, divagou sobre o papel da cultura nas nações, afirmando que depois de satisfeitas as necessidades básicas e essenciais, a atenção dos governantes deveria virar-se para a cultura. Por isso ele se encontrava ali e até com algo na manga: oferecia-se para criar naquele recinto um centro Infor-jovem, pois a computadorização é o futuro do mundo.

Esperava que quando viesse passar as suas férias em Ofir, o que faz anualmente, pudesse encontrar aquele edifício cheio de jovens e a laborar em pleno.

## ESPOSENDE VIRADA PARA O MAR

*A construção da Barra de Esposende vai finalmente ser construída? Foi essa a esperança-promessa que inundou a mente de todos quantos no dia 17 de Outubro assistiram à assinatura do protocolo entre a Câmara municipal de Esposende e o Ministério do Mar com vista à construção das Docas de Pesca e de recreio a erigir na foz do Cávado.*

*Segundo afirmou o Comandante Azevedo Soares, ele atrasou a sua vinda a Esposende — estava marcada para Agosto — a fim de melhor se informar sobre a problemática da barra de Esposende. Não prometeu nada mas asseverou que os estudos estão em bom caminho.*

*As docas que irão ser construídas fazem parte de um vasto e ambicioso programa de recuperação e promoção da Zona Ribeirinha de Esposende que, além dos dois elementos referidos, integrará os novos estaleiros (em fase de conclusão), as Piscinas Municipais (a adjudicar as obras dentro de dias) e outros melhoramentos que modificarão totalmente o facies da marginal direita do Cávado na vila esposendense.*

*Na sua intervenção o Presidente da Câmara afirmou que há cerca de um ano a Câmara de Esposende teve um sonho: queria virar Esposende para o mar. A luta da sua Câmara tem sido essa: tornar o sonho em realidade. Pri-*

*meiro eram os estaleiros e ele vinha ali afirmar que dentro de três, quatro meses, transitarão para o local previsto. Agora assinava-se o contrato para a execução das docas de pesca e de recreio. Não se podia fazer este e esquecer aquele, porque isso implicava esquecer os pescadores.*

*Houve uma altura, meses atrás, que se encontrou com o ministro do Mar sob a égide do Ministro Marques Mendes. Trocaram-se as primeiras impressões. Passaram-se os tempos, fazem-se estudos, troca-se correspondência e a certa altura o Presidente Figueiredo recebe um telefonema directo do titular do Mar que pergunta: «Quando é que vou aí a Esposende?» Reactivaram-se os estudos, renasce a esperança e a certa altura o Ministro informa a Câmara de Esposende a dizer que não vinha a Esposende em agosto mas só em Outubro porque queria informar-se bem acerca do problema da barra. Era necessário pensar a barra, «uma nova barra, sim, se não podermos conservar a que temos». Pensar uma nova barra vinha modificar o visual de Esposende, vinha sacrificar a Restinga de Fão e isso obrigava a ponderar bem o assunto.*

*«É assim que, passo a passo, terminou, se vai passar do sonho à realidade, mal grado a pouca esperança de uns tantos e o pessimismo de muitos».*

O NOVO  
FANGUEIRO  
FÃO